



GROSS, Sabine; OSTOVICH, Steve (Org.). **Time and Trace: Multidisciplinary Investigations of Temporality.** Leiden: Brill, 2016. (Coletânea: The study of time, v.15) ISBN 978-90-04-31562-4.

Helmut Renders \*

Inicialmente inspirado pelos estudos de Hartmut Rosa, faz agora já alguns anos que me interesso pelos estudos da religião com respeito à relação entre a alteração da temporalidade e a experiência humana, ética humana, e educação humana.<sup>1</sup> Continuo achando que a relação do ser humano com o tempo e do tempo com ser humano, ao lado da sua relação com o espaço e do espaço com ele ou ela, requer mais atenção nos estudos da religião. Coletâneas como *O estudo do tempo* da Editora Brill evidenciam que esse interesse ultrapassa as fronteiras das áreas do conhecimento e que ele se apresenta também como um tema para estudos inter(trans)disciplinares.

A palavra *trace* do título *Time and trace* abre diversas possibilidades de tradução: “pistas”, “faixas”, “trilhos”, que, por sua vez, se relacionam com imaginários do “eco”, da “ressonância” e também da “evidência”. Na introdução, o

---

Resenha submetida em 19 de abril de 2017 e aprovada em 12 de maio de 2017.

\* Doutor em Ciências da Religião. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. País de origem: Alemanha. E-mail: [helmut.renders@metodista.br](mailto:helmut.renders@metodista.br).

<sup>1</sup> Ao final da resenha apresentamos referências de algumas produções acadêmicas, de nossa autoria, que expressam o interesse pelo tema da temporalidade.

organizador e a organizadora citam Ricoeur: “Hence the trace indicates ‘here’ (in space) and ‘now’ (in the present), the past passage of living beings. It orients the hunt, the quest, the search, the inquiry” (GROSS, OSTOVICH, 2016, p. 1), ou seja, algo que relaciona espaço e tempo. Como os autores afirmam, “trace”, no sentido de vestígio, relaciona-se com o passado, mas, trilhos levam também ao futuro. Acrescento que um traço representa no texto escrito o momento de integração de algo que não pode cair no esquecimento e que interrompo por um momento o fluxo da narrativa.

Nos estudos da religião, as narrativas do passado – as memórias – e do futuro – as utopias –, ganham ainda outra qualidade porque contêm a capacidade de “trazer esperança”. Em seguida, estabelecem um diálogo entre os estudos da religião e essas investigações, em grande parte, de textos literários, que focam os *traces* no contexto da temporalidade como a relação entre o passado, o presente e o futuro na experiência e no imaginário humanos.

### **Conteúdo da obra**

A obra é organizada em quatro partes:

Introdução (*Sabine Gross; Steve Ostovich*)

1. Trilhar o tempo: Abrindo o caminho (*Frederick Turner*)

### **PARTE 1 – ENCONTRAR A NARRATIVA: O TRABALHO DA CRÍTICA**

2. O traço caótico: a Arcadia de Stoppard e o tecer da intriga no passado (*Jo Alyson Parker*)

3. Além da imaginação forense: tempo e rastreamento nas novelas de Thomas Pynchon (*Arkadiusz Misztal*)

4. Tempo, tato e movimento em três poesias japonesas de Stravinsky (*Helen Sills*)

5. Localizando o espaço no tempo: A Capela Rothko de Morton Feldman (*Orit Hilewicz*)

## **PARTE 2 – OLHANDO PARA TRÁS: TRAÇANDO A HISTÓRIA**

6. Traços de organização temporal na era dos vikings (*Lasse C.A. Sonne*)
7. Tempo e Memória na Odisseia e Ulysses (*Stephanie Nelson*)
8. Tempo, cognição e a atuação ática: Traçando uma nova abordagem em relação a incômodas perguntas na história do teatro (*Erica W. Magnus*)

## **PARTE 3 – PISTAS DO PENSAMENTO: FILOSOFIA, MEMÓRIA E A MENTE HUMANA**

9. As ideias de A. N. Prior sobre como acompanhar o tempo em suas ramificações (*Peter Øhrstrøm e Thomas Ploug*)
10. Psicanálise e rastros temporais (*John S. Kafka*)
11. Memória: Traços epistêmicos e fenomenais (*Carlos Montemayor; John S. Kafka*)

## **PARTE 4 – DEIXAR VESTÍGIOS: SOCIEDADE E ÉTICA**

12. Hereditariedade na era epigenética: estamos diante de uma política de obrigações reprodutivas? (*Michael Crawford*)
13. O reflexo do tempo no raciocínio judicial: Um Caso de Argumento conflitante no tribunal Superior da Austrália (*Rosemary Huisman*)
14. Tempo, resíduos e Iluminismo ou: não deixando nenhum vestígio (*Raji C. Steineck*)

Frederick Turner, professor de Arte e Humanidades da Universidade de Texas, Dallas, EUA, abre o caminho com uma ampla reflexão ao redor da palavra bantu *chijikijilu*. Empregada para descrever metaforicamente símbolos religiosos,

significa em geral “o ato de marcar uma árvore para encontrar seu caminho de volta”. Localizado entre o familiar e o desconhecido, o conceito de *chijikijilu* convida para ir além da nossa linguagem para explorar novos significados sem o medo de ficar perdido no caminho. O futuro pode ir além do passado, mas não será hostil no sentido de não ter marcas ainda familiares.

Jo Alyson Parker da Saint Joseph’s University, na Filadélfia, traz o tema da ressignificação de narrativas antigas e sua função. Fazer sentido de algo que, ao primeiro olhar, se apresenta como meramente caótico, não direcionado, sem passado definido ou futuro garantido, é uma capacidade humana que, no campo da religião, demonstra uma alta ambiguidade. O autor apresenta a relação entre tempo, caos e *trace*, a presença do passado e do futuro no presente a partir das pistas da peça de teatro estudado e da sua contínua ressonância junto ao público.

Arkadiusz Misztal, da Universidade de Gdansk, Polônia, explora o tema da temporalidade humana nas novelas de Thomas Pynchon, o qual faz isso de uma forma tão abrangente que impossibilita sua completa reprodução. Por exemplo, refere-se ao “tempo que acompanhou e contribuiu para a transformação de América em um ‘estado cristão-capitalista’” (p. 49), um tempo que Pynchon descreve como tempo “ortogonal”, uma quarta dimensão impacta sobre o espaço e suas três dimensões. Ao lado do tempo ortogonal, Pynchon se refere igualmente ao tempo do sonho e ao tempo-vídeo. “Antitética a esta cronometria capitalista dominante, é o tempo-sonho, [...] um modo de resistência, oferecendo uma consciência imaginativa não-linear. [Este modo] contesta a ideia de tempo como mercadoria e sua conversibilidade direta em dinheiro” (p. 50). O “‘Tempo de vídeo’ permite remodelar a temporalidade à vontade e, aparentemente, explorá-lo para sempre. Podemos pelo menos por um momento ter encontrado a ilusão de que temos o controle, que podemos inverter, abrandar, acelerar e repetir o tempo” (p. 50).

A religião japonesa transparece no texto de Peter Øhrstrøm e Thomas Ploug em sua investigação da lógica temporal de Steinbeck e sua proximidade com o zen-budismo, e Helen Sill explora a forma como Stravinsky interpreta a música japonesa em uma das suas obras. Essas introduções nas temporalidades de uma cultura religiosa asiática e seus reflexos sobre a ética contemporânea ou a música europeia evidenciam como, no século vinte, a temporalidade não pode ser mais vista de forma isolada, distinguindo o Ocidente do Oriente, mas em busca de novas inspirações por meio do início do intercâmbio de ideias e perspectivas que deixam, lentamente, os caminhos únicos atrás. Suponho que isso que já ocorre na academia e nas artes, também se passa na religião.

Especialmente Orit Hilewicz, mas também Erica W. Magnus, aprofundam o tema do ritual sagrado como *trace*. Na perspectiva dos estudos da religião, isso pode ser explorado no sentido de um traço que conecta “entre mundos” e que, ao mesmo tempo, serve como pista a ser seguida em busca do sagrado, um lugar de fronteira, que proporciona experiências espaciais de transposição. Esta dimensão do rito, que possibilita uma experiência sacramental por participação integral, corporal e racional, é importante na interpretação das dinâmicas religiosas. No caso do Hilewicz, trata-se de um estudo da musicologia, a criação de uma peça musical em reação a uma capela e a suas pinturas, um processo de *ekphrasis*, de uma viva representação de algo por outros meios.

Lasse C.A. Sonne investiga a organização temporal dos *vikings* e sua substituição por um sistema cristão depois de 1050 d.C., que vinha acompanhado, enquanto temporalidade, pelo calendário juliano, o calendário da Igreja Medieval. O artigo introduz em diferenças como de uma semana de cinco ou sete dias e reflete sobre seu impacto, em particular o distanciamento da noção do tempo da observação dos ciclos da natureza. Como tudo serve como alerta para não se subestimar o condicionamento da temporalidade pela cultura e a necessidade de adquirir uma sensibilidade cultural para entender, minimamente, o estar do ser humano em tempo e espaço.

Três autores/as tratam da temporalidade na perspectiva da memória: Stephanie Nelson, Carlos Montemayor e John S. Kafka. O estudo comparativo de Nelson trata do papel da memória nas narrativas das obras *Odisseia* e *Ulysses*. Ambos os textos negociam as mudanças de identidades. Em *Ulysses*, o tempo aparece como um passado ideal ou como uma armadilha e um pesadelo, mas também como tempo de oportunidade de se compreender e de se tornar algo diferente. Mais uma vez, trata-se de aspectos significativos nas narrativas religiosas. Montemayor reflete sobre a memória, a sua precisão, o seu papel que vai além de ser um mero registro de eventos, no sentido de aplicar significado a eles, aos quais o autor se refere como “traços fenomenais”: A sua tese principal é que “a distinção entre traços epistêmicos e fenomenais é crucial para explicar por que a memória não é apenas um registro, mas, que a memória também proporciona uma maneira evocativa de fazer sentido do nosso passado” (p. 216). John S. Kafka reflete sobre a memória em uma perspectiva psicanalítica e ressalta a forma de experimentar o tempo em sua consciente ou inconsciente manipulação.

O capítulo de Peter Øhrstrøm e Thomas Ploug dedica-se à filosofia do tempo. Eles discutem as contribuições de A.N. Prior (1914–69), considerado o criador de uma lógica temporal moderna. Interessantemente, mais uma vez, é uma narrativa religiosa que serve de ponto de partida para suas reflexões filosóficas. Prior, nascido em um lar presbiteriano, luta com os aspectos temporais de concepções teológicas como a predestinação, a ideia da pré-ciência ou do conhecimento antecipado com atributo divino e liberdade humana. Para Prior, somente o tempo presente carrega a qualidade do real, já que o passado e o futuro são o não mais real ou o ainda não real; enfim, ambos representam algo irreal. “O agora é constituído pelo conjunto de proposições sobre o estado atual dos negócios, bem como sobre todas as proposições verdadeiras em relação ao passado, ao futuro de todas as proposições verdadeiras mesmo que sejam contra fatuais” (p. 194).

Michael Crawford abre a quarta parte do livro e reflete sobre uma perspectiva genética da temporalidade enquanto fenômeno que transcende as gerações. Enquanto lida com o fenômeno e o provável impacto da epigenética, ele alerta a respeito das consequências em uma perspectiva de gênero: o impacto de proposições genéticas, por exemplo, as questões que envolvem uma clara disposição para certas doenças, se tornam essenciais para que cada indivíduo não seja indevidamente responsabilizado por algo que, de fato, não esteja em seu alcance. Dessa forma, ganha-se mais uma perspectiva de considerar a temporalidade como algo essencial à vida de cada pessoa.

O estudo de Rosemary Huisman apresenta um estudo de caso do impacto de lógicas temporais ao raciocínio jurídico e o de Raji C. Steineck reflete desde as “práticas contemporâneas de eliminação de resíduos para pensamentos de zen budistas medievais e volta para conceber novas estratégias para uma futura sociedade humana consciente” em busca de “uma matriz de tempo não apenas imaginários que representam o aspecto temporal transitório, mas também o aspecto repositório do tempo e as suas funções acumulativas” (p. 295).

Finalmente, e além dos exemplos aqui apresentados, poder-se-ia falar de *trace* independentemente do tema da temporalidade como categoria para falar da religião, do sagrado, da interação entre o divino e o humano, como forma de descrever a capacidade – e necessidade intrínseca? – humana à transcendência para viver, encontrar seu lugar no tempo e no espaço e interagir com o espaço e o tempo que ele, o ser humano, no mesmo processo, modifica e transforma.

## REFERÊNCIAS

RENDERS, Helmut. A temporalidade da modernidade tardia e a religião: uma resenha ampliada do livro *Aceleração e alienação (Beschleunigung und Endfremdung, 2013)* de Hartmut Rosa. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, RS, v. 54, n. 1, p. 188-192, jan./jun. 2014.

RENDERS, Helmut. A experiência religiosa pós-moderna e o fenômeno da aceleração em comparação com as temporalidades pré-moderna e moderna. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 37, p. 428-445, jan./mar. 2015.

RENDERS, Helmut. Éticas deontológicas, teleológicas e situadas e as temporalidades pré-modernas, modernas e as modernas tardias: relações, desafios e propostas. **Caminhando**, São Bernardo do Campo, SP, v. 19, n. 2, p. 55-68, jul./dez. 2014.

RENDERS, Helmut. *O tempora! O mores!* Para uma valorização em conjunto das éticas e temporalidades pré-moderna, moderna e pós-moderna como chave do discernimento moral contemporâneo. In: RENDERS, H.; SOUZA, J. C. **Ética comunitária, Ética da Vida**. SBC, SP: Editeo, 2016.

RENDERS, H. As éticas confessionais e suas raízes temporais: o presente à luz do passado e do futuro. In: RENDERS, H. **Coragem de pensar o bem: princípios e passos**. São Bernardo do Campo, SP: 2017, p. 98-111.

RENDERS, Helmut. A Igreja Metodista, suas universidades, escolas e igrejas diante da temporalidade pós-moderna: um desafio que requer um esforço em conjunto. **Cogeime**, São Paulo, v. 23, n. 44, p. 49-64, jan./jun. 2014.

RENDERS, Helmut. Resenha do livro "Transformations of time and temporality in Medieval and Renaissance Art de Simona Cohen". **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, SP, v. 30, n. 3, p. 389-395, set./dez. 2016.